

CAPOEIRA:

A circularidade do saber na escola

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Lorangeira – UTP
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

CAPOEIRA:
A circularidade do saber na escola

Caroline Cao Ponso
Maíra Lopes de Araújo “Janaína”



Editora Sulina

© Autoras, 2014

Capa: *Letícia Lampert*

Projeto gráfico e editoração: *Niura Fernanda Souza*

Revisão: *Simone Ceré*

Revisão gráfica: *Miriam Gress*

Editor: *Luis Antônio Paim Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

P799c Ponso, Caroline Cao
 Capoeira: a circularidade do saber na escola / Caroline Cao
 Ponso e Maíra Lopes de Araújo "Janaína". – Porto Alegre: Sulina,
 2014.
 127 p.

ISBN: 978-85-205-0720-9

1. Educação. 2. Capoeira – Música – Alfabetização. 3. Ensino da Educação Física. 4. Ensino da Música. 5. Educação Inclusiva. 6. Cultura Popular. 7. História. I. Araújo, Maíra Lopes de. II. Janaína. III. Título.

CDU: 370

CDD: 37

372.41:78

372.879.6

372.879.689

796.89

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS
Fone: (0xx51) 3311.4082
Fax: (0xx51) 2364.4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Outubro/2014

AGRADECIMENTOS

À Vanici e à Letícia, colegas e amigas, sensíveis e competentes educadoras, pelo envolvimento com o projeto na escola, acreditando na capoeira como uma possibilidade pedagógica.

À Letícia e Luciana Ponso, pelo olhar sensível e pelas críticas construtivas ao trabalho.

À Caroline, pela amizade. Pela parceria no desenvolvimento do projeto e na escrita deste livro, estabelecendo uma troca permanente de saberes. Pelo respeito à cultura popular afro-brasileira, em especial à capoeira, razão da minha existência. Por imergir no universo da capoeiragem, com disponibilidade, curiosidade e humildade.

À Escola de Capoeira Guerreiros, irmãos e amigos, por estarem sempre ao meu lado. Em especial aos meus discípulos, pela oportunidade diária de formação, trocas e reconstrução de minha ação pedagógica.

Ao meu Mestre Farol, por me orientar e iluminar nas rodas da vida, conduzindo meus passos com atenção, rigidez, carinho e mandinga. Por dedicar sua vida ao exercício de educar e ao árduo protagonismo na luta por políticas públicas para a capoeira. Pelos ensinamentos que me confiou ao longo de tantos anos, permitindo que eu os utilizasse na escrita deste livro. Pela confiança e apoio irrestrito ao meu trabalho, que é nosso, de todos os Guerreiros. Por me ensinar a enxergar além do que os olhos podem ver.

Ao meu pai Paulo e ao meu irmão Iberê, pela formação primeira, pelo amor incondicional e pela sensibilidade social.

À minha mãe Santa Irene, por ser e viver a capoeira comigo ao longo de todos esses anos. Por se envolver e lutar pelo reconhecimento de nossa arte. Pela formação política que conduz minhas ações em busca de uma sociedade mais justa.

À Iemanjá que me conforta.

A Ogum que me fortalece.

A Exu que me protege e abre meus caminhos.

Maíra “Janaína”

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Maíra “Janaína” a oportunidade ímpar de compartilhar a escrita deste livro. Respeitando tempos, ideias, saberes tão diferentes e complementares, aprendemos e nos fortalecemos enquanto pessoas. Nasce um livro e dele nasce uma amizade carregada de amor, cumplicidade e respeito.

A todos os professores envolvidos no projeto *Capoeira em Diálogo*, especialmente à Letícia Santetti e à Vanici Aimi, pela troca, parceria, disponibilidade e bondade na doação de seu tempo docente e vontade de transformar a educação.

À escola municipal Vila Monte Cristo, sua comunidade, corpo docente, funcionários, direção, por tornar a ‘casa’ tão acolhedora e receptiva às nossas insistentes ‘bagunças’ pedagógicas.

Ao Mestre Farol e à Escola de Capoeira Guerreiros, por terem me acolhido como aluna desde o início, respeitando meus limites, incentivando minha prática e repartindo todo seu imenso saber de forma tão generosa.

A toda minha família, especialmente às minhas irmãs Letícia e Luciana pela atenção em ler o trabalho e contribuir com sugestões pertinentes. À minha mãe Mari e ao meu pai Marcos, pela educação visionária, inclusiva, aberta e respeitosa para com o mundo e para com todas as pessoas.

Ao Nilo, meu companheiro, pelo modo firme e coerente de auxiliar meus projetos e escritos. Obrigada pela paciência e pelo amor.

Aos meus filhos Isabela e Matteo, todo o esforço é por vocês, razão maior da vida.

Caroline Cao Ponso

Dedico este livro às crianças,
meus melhores professores.
Maíra “Janaína”

Dedico este livro ao meu pai
Marcos e à minha mãe Mari.
Caroline

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
IÊ DA VOLTA AO MUNDO... ..	21
I - OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS NA RODA DE CAPOEIRA	27
II - CAPOEIRA: REBELDIA, RESISTÊNCIA E EDUCAÇÃO	37
III – LEGISLAÇÃO.....	49
3.1 - A escola como espaço de transformação social.....	49
3.2 - A Lei 10.639/03	50
3.3 - A Lei 11.769/08	52
IV - CAPOEIRA EM DIÁLOGO	57
4.1 - Por uma Infância Integral.....	57
4.2 - Capoeira “na” escola ou “da” escola.....	58
4.3 - O Projeto Interdisciplinar	60
4.4 - A Capoeira mandou chamar... relatos cotidianos.....	67
4.5 - Educação Inclusiva.....	68
V – A CIRCULARIDADE DOS SABERES.....	75
5.1 - Musicalidade: Proteção, Diversão e Protesto	75
5.2 - Cantando, Ritmando e Compondo	85
5.3 - Alfabetização, Composição e Jogo	98
5.4 - Na cooperação se formam protagonistas.....	106
5.5 - A roda: movimento circular de saberes	114
VI – PERSPECTIVAS DE DIÁLOGO	121
VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
AS AUTORAS.....	127

PREFÁCIO

O livro *Capoeira: a circularidade do saber na escola* articula saberes da capoeira, como a história, a música, o corpo, as produções, reflexões e ações dessa arte de uma forma complexa e significativa. Tenho certeza de que este livro, rico em sua simplicidade, pode servir como um novo despertar para os profissionais da capoeira em seus espaços de atuação.

Contribuí também com outros profissionais envolvidos na educação com a cultura popular, indígena e afro-brasileira, bem como com aqueles que não estão envolvidos diretamente, possibilitando novas reflexões e mediações. O fato é que, para profissionais ou apenas interessados no assunto, este livro possibilita reflexões singulares em virtude de defender e apresentar concretamente uma proposta política, ideológica, metodológica e teórica que se compromete com a cultura brasileira e com a transformação social.

O que me encanta neste livro, além do relato sobre o projeto interdisciplinar, é que até pela escrita é possível reconhecer a forma com que a capoeira intervém, evidenciando seus fundamentos. O livro perpassa pelas áreas de conhecimento com profundidade de análise e reflexão e, ao mesmo tempo, com uma sutileza elegante, similar ao capoeirista no jogo, atento, perspicaz, delicado, envolvente e objetivo.

Essa experiência aplicada no contexto escolar materializa uma ação pedagógica de caráter emancipatório que colabora com a reflexão sobre a necessidade de uma política que compreenda a educação enquanto processo social-ético-político de formação integral do sujeito.

A inspiração para a produção de *Capoeira: a circularidade do saber na escola* surge da realização do projeto *Capoeira em Diálogo*. O livro relata essa experiência relacionando a capoeira com diversos saberes sem descaracterizá-la. O *Capoeira em Diálogo* se apresenta como uma possibilidade de mudança da dinâmica escolar, propondo a troca permanente entre as áreas de conhecimento que compõem o currículo, reestruturando espaços-tempo da escola, estabelecendo um processo harmônico de

construção coletiva a partir da motivação dos educandos com a prática da capoeira.

Para a materialização dessa mudança é preciso que os sujeitos que compõem o universo escolar estejam envolvidos, sejam eles os educandos, educadores e demais profissionais por vezes invisibilizados, mas extremamente relevantes, como a equipe de limpeza, alimentação e administração. É o movimento de sair do lugar comum, de sair do seu conforto, pois toda proposta de mudança nos desacomoda e é assim que vamos estabelecendo outras relações.

A professora de alfabetização já não mais ensina a criança a ler e escrever somente com as palavras “uva”, “vaca”, “bola”. A criança passa a ler e escrever o seu país a partir da apreensão da história brasileira, com palavras de origem africana e indígena, conhecendo os heróis anônimos, que não aparecem nos livros didáticos, personagens importantes na construção de nossa sociedade. Desenha, pinta e dialoga com esses personagens em seu imaginário, construindo uma nova concepção de Brasil, com valor e cultura própria.

Essa análise profunda e cheia de significados, que conformam a visão de mundo e de ser humano, construída por todos nós desde a infância, é complexa e multidimensional. Justamente por isso vai requerer que seja feita a partir de diversos olhares, ou seja, diversas áreas e saberes. É por razão desta compreensão que não se trata de um projeto individual, mas produto da reflexão-ação de um conjunto de pessoas que acreditam na possibilidade de mudança na educação. Isso é o mais importante! A minha felicidade está não só na concepção que o projeto traz em si, mas por ser uma realização pessoal também. Por ser algo que tanto almejei e nunca consegui realizar na plenitude. Já trabalhei com a capoeira na escola, mas nunca tive um corpo docente, uma equipe de colegas que abraçasse uma proposta ousada como essa.

O projeto traz em sua concepção a mudança de paradigmas do sistema educacional, pois se contrapõe à lógica de uma educação conteudista e formatadora que temos acompanhado há anos. Ele consegue oferecer ao educando a possibilidade de conhecer o Brasil, de se identificar como um cidadão brasileiro que possui uma cultura riquíssima. Isso significa reconhecer que temos uma diversidade cultural imensa com histórias de resistência que falam do índio e do negro. Porém, cabe aos educadores

contextualizar essa produção cultural, historicizá-la e relacioná-la com a realidade do educando.

É possível estabelecer conexões essenciais entre os problemas que vivenciamos no cotidiano e os problemas sociais mais amplos, ou seja, a relação entre o micro e o macrosocial. A chave para apreender os fenômenos sociais está na capacidade de realizar essas mediações reconhecendo as contradições inerentes aos fenômenos, pois são intrínsecas ao sistema capitalista. Este movimento é viabilizador de mudanças bastante objetivas que se manifestam individual e coletivamente, assim como no ambiente escolar e comunitário a que se propõe.

O desenvolvimento da educação na formação sócio-histórica brasileira evidencia determinantes de ordem econômica, social, cultural e política. A educação se origina no processo de “adaptação de índios” ao desenvolvimento do Brasil colônia que em verdade propunha o adestramento social dos mesmos. Era necessária tal adaptação para que os índios não se rebelassem contra o processo de exploração da riqueza natural do país. O papel ocupado pela educação historicamente tinha como função a reprodução das relações sociais estabelecidas pelas elites.

No desenvolvimento do sistema capitalista, envolvendo seus diversos modos de produção e gestão do Estado, a educação centrou-se na formação para o trabalho alienado. Esse contexto determina que a escola nos eduque para o trabalho como uma ação servil.

Contrapondo-me a essa concepção de educação, a escola que defendo visa à construção de consciência coletiva, social e crítica acerca dos problemas sociais emergentes. Assim trabalha como facilitadora do desenvolvimento da autonomia e emancipação social, uma vez que o processo de conscientização pressupõe a tomada de posição e atitude que leva o sujeito a intervir nas situações-problema de sua família, comunidade ou bairro. Esse, para mim, é o papel da escola! Portanto, o cotidiano é o espaço para reprodução, mas também para enfrentamento ao desenvolvimento de uma educação alienada.

Uma vez que o sujeito compreende a realidade em que está inserido, a tomada de posição é inevitável e com ela a exigência de uma nova postura. Logo, a organização social representará o desenvolvimento dessa nova postura que só poderá ser chamada de organização social quando expressar um processo interventivo coletivo no real, assim formando uma

força social e política capaz de fazer frente à realidade concreta em que se apresentam os problemas sociais.

Alguns projetos de lei vão sendo defendidos objetivando a transformação da escola frente aos déficits do processo de ensino-aprendizagem. Dentre esses encontramos a Lei Federal 10.639/03, que “altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências”. Também a Lei 11.769/08 que “altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na Educação Básica”.

O *Capoeira em Diálogo* reúne essas duas propostas interventivas buscando os nexos com os demais saberes incorporados no contexto escolar. Trabalha os elementos intrínsecos à capoeira evidenciando a articulação entre teoria e prática, pois a história, valores e fundamentos da arte se fazem presentes nas músicas, na criação dos sons e instrumentos, assim como no movimento que ora é jogo, ora é luta e ora é dança.

Pensando sobre a obrigatoriedade do ensino da música nas escolas devemos relacioná-la ao desenvolvimento do ser humano, pois ela tem uma contribuição singular nessa história. A música em diferentes momentos da história do Brasil foi central para o diálogo, para expressão de posições políticas, desenvolvimento cultural, expressão de emoções. Um excelente exemplo é a capoeira, que tem na musicalidade e oralidade espaços de diálogo, que são utilizados para avisar sobre um perigo eminente, manifestar a defesa de determinado sistema de pensar e agir, expressar a cultura do povo negro, entre tantas outras conexões.

Na atualidade, quando pensamos no ensino da música na escola nos reportamos ao piano, violão, violino, bateria, mas também podemos nos reportar ao uso de instrumentos mais simples em formato, mas complexos na história e na sonoridade, que contribuíram significativamente com nossa formação musical brasileira, como o tambor, o atabaque, o pandeiro, o berimbau, o caxixi, a maraca, dentre outros.

No projeto pretende-se levar a história dos instrumentos, sua raiz, os elementos mais primitivos para dentro da escola, ou seja, levar sua essência. Quando se trabalha com o instrumento de percussão, como o atabaque, é imprescindível que se aborde a ideia de como ele foi construído.

Ele pode ter sido feito com o couro de um animal que serviu de alimento, ou que foi sacralizado ou ofertado. Há que se trazer com o atabaque, feito de couro e madeira, a essência que constitui seu processo de confecção e que afeta a vida em sociedade.

Esse é o reconhecimento de que a história da capoeira, dos instrumentos, das cantigas e dos movimentos inclui personagens, pessoas, vidas. A capoeira está em inúmeras escolas, mas que debate se tem lá dentro? Muitas vezes é inócua, somente em virtude do cumprimento de leis, não se propondo a nenhuma mudança estrutural real na dinâmica escolar. Levar a capoeira pra dentro da escola não é levá-la engessada a um conteúdo. Embora haja ainda o estabelecimento de disciplinas, o projeto possibilita conexões que vão avançando no decorrer de seu desenvolvimento para que os conhecimentos específicos não sejam compreendidos como conteúdos isolados.

Sempre acreditei e lutei para que, algum dia, a capoeira pudesse se inserir no contexto escolar, visando à construção dessa escola transformadora. O problema era a forma como ela se inseriria devido à formalidade do contexto educacional que, muitas vezes, engessa a cultura popular de tal maneira que altera sua essência, visando à sua adequação ao preestabelecido. O Brasil é tão grande e tão rico culturalmente, com uma vasta diversidade étnica e, no entanto, nós pouco utilizamos isso para criar novas formas de educar o cidadão brasileiro.

Há alguns anos houve uma discussão sobre a capoeira “da” escola e a capoeira “na” escola. Minha posição é que a primeira é aquela que se manifesta conforme as orientações do contexto escolar, “enquadrando-se” em regras de comportamento e atuação que, muitas vezes, descaracterizam a cultura popular, espontânea na sua essência. A segunda passa a ideia da capoeira pura, como ela é, com sua essência e seus fundamentos, com sua forma de compreender a realidade sem distorções ou imposições das culturas historicamente dominantes. Embora se faça a relação da capoeira com várias áreas do conhecimento de forma espontânea em seu processo de ensino e aprendizagem, e também com a realidade social, geralmente ela tem ficado isolada no contexto escolar. E, em muitos casos, se “adapta” ao contexto abrindo mão de sua essência e de seus valores.

Tenho que admitir que a concepção acerca da capoeira não é hegemônica em seu universo. Muitos grupos já se renderam a um modelo

industrial de formação de capoeiristas. São produzidos em série, jogam igual, são opressores diante de grupos mais fracos técnica e fisicamente, despidos de valores e rituais intrínsecos à capoeira. Tratam-na apenas como mais um produto vendável.

A capoeira que defendo deve vir na contramão desse processo de dominação, sendo coerente com sua história. Então, como se dá a inserção da capoeira na escola sendo um elemento de resistência cultural contrário ao sistema político e educacional de nossa sociedade? Como ela, com seu princípio de libertação, se insere em um contexto que foi constituído como um espaço preparado para formar um cidadão apto apenas para o trabalho servil? A capoeira traz para a escola não só elementos históricos da cultura, da política e da sociedade brasileira, mas também valores importantes da cosmovisão africana com inúmeras possibilidades de transversalizar com os conhecimentos produzidos no contexto escolar.

Eu vejo a capoeira “na” escola como uma contribuição para a formação de um novo cidadão: crítico, consciente e que acredite na sua própria capacidade de transformação. O sujeito que estiver na luta por uma educação transformadora será reprimido pelas elites dominantes que querem a manutenção do poder e do conhecimento na mão de poucos. No instante em que esse sujeito se conscientiza, participa e se organiza, vira um problema à centralização do poder e da riqueza. Além de fazer a crítica, ele está inserido buscando evidenciar as contradições e ao mesmo tempo construir soluções de cunho popular aos problemas. É aquele que “não quer mais só o feijão com arroz”, quer a rúcula, o brócolis, ele quer aquilo que não tem hoje na mesa dele, que a mídia não vende, mas que ele aprendeu que faz bem. Isso pode ser trabalhado em todas as aulas e é nessa escola que eu acredito e ela surge em pequenas ações. Muitas vezes quando falamos em educação, ação pedagógica, processo de reflexão-ação, o discurso fica solto, mas se pararmos para pensar o produto de uma educação emancipatória seria esse sujeito mais consciente, participativo, propositivo e organizado.

O projeto *Capoeira em Diálogo* é uma ação micro, num lugar específico, não é uma política de governo, nem de estado, mas isso não faz dele algo menos relevante. Os princípios educacionais da Escola de Capoeira Guerreiros, onde a Janaína se formou professora e onde a Caroline agora inicia sua trajetória como capoeirista, é que fundamentam este projeto

e por isso ele nos é muito caro. A nossa relação com a educação não é simplesmente ensinar a tocar berimbau e dar “meia dúzia de pernadas”. Através da capoeira, realizamos ligações e conexões importantes para que as pessoas consigam ampliar o conhecimento, enxergando além do berimbau, todos seus valores intrínsecos.

É um projeto que, através deste livro, pode subsidiar a criação de tantos outros, com elementos de nossa diversidade cultural, e outras abordagens, de acordo com os seus potenciais criativos. Torço para que nasça em todos os cantos e recantos do nosso país, pela mão de educadores comprometidos. Porque o melhor de tudo não é construir sozinho, é construir com as pessoas, é mostrar que há possibilidade de transformação quando há coletividade e compromisso com a mudança.

O projeto *Capoeira em Diálogo* e o livro *Capoeira: a circularidade do saber na escola* me representam, representam meus anseios, representam tudo aquilo que eu acredito que possa vir a contribuir com a transformação social.

Mestre Farol